Da Teoria à Prática: Reflexões Acerca do Ensino e da Aprendizagem



Lidiane Gomes dos Santos Felisberto; Kauany dos Santos Godoy; Maria Aparecida Camargo de Carli; Nathália Magalhães; Yasmin Mariano Dutra[1]
[1] *Centro Universitário Unifacear*

RESUMO
O presente artigo, elaborado pela professora e graduandas do curso de Pedagogia do Centro Universitário Unifacear, em Fazenda Rio Grande / PR, teve como objetivo relacionar a teoria estudada na disciplina Laboratório de Ensino e Aprendizagem, com dados de alunos e professores reais, a partir de uma análise reflexiva a respeito dos aspectos que envolvem o processo de ensino e aprendizagem. A pesquisa, de natureza qualitativa e de caráter exploratório, fundamentou-se teoricamente em Fernando Becker (1994) e Nelson Piletti (2013), os quais abordam sobre os modelos pedagógicos e as questões relacionadas à aprendizagem escolar. Os dados de alunos e professores foram coletados por meio de questionário, respondidos por 24 participantes. Os dados coletados indicam que são múltiplos fatores que interferem no processo de ensino e aprendizagem. Conclui-se que os professores buscam amenizar as dificuldades dentro do seu campo de atuação, a partir do uso de metodologias ligadas às propostas que colocam o aluno em atividade e que correspondem ao modelo pedagógico relacional.

Palavras chave: Ensino, Aprendizagem, Modelos pedagógicos, Desafios.

ABSTRACT
This article, prepared by the professor and undergraduate students of the Pedagogy course at Centro Universitário Unifacear, in Fazenda Rio Grande/PR, aimed to relate the theory studied in the Teaching and Learning Laboratory discipline, with data from real students and teachers, based on of a reflective analysis regarding the aspects that involve the teaching and learning process. The qualitative and exploratory research was theoretically based on Fernando Becker (1994) and Nelson Piletti (2013), who address pedagogical models and issues related to school learning. Data from students and teachers were collected through training, answered by 24 participants. The collected data show that there are multiple factors that interfere in the teaching and learning process. It is concluded that teachers seek to ease the difficulties within their field of action, from the use of methodologies administered to proposals that control the student in activity and that correspond to the relational pedagogical model.

Key Words: Teaching, Learning, Pedagogical models, Challenges.

1. INTRODUÇÃO

O presente artigo é o resultado dos estudos e pesquisas realizadas na disciplina Laboratório de Ensino e Aprendizagem, ministrada pela Prof.ª Dr.ª Lidiane Gomes dos

Santos Felisberto, no Centro Universitário Unifacear, no curso de Pedagogia, campus de Fazenda Rio Grande. A referida disciplina tem como ementa: as tendências pedagógicas da prática escolar; a relação ensino e aprendizagem e fatores correlacionados; práticas de ensino e experiências pedagógicas.

O objetivo do artigo é relacionar a teoria estudada na disciplina com dados de alunos e professores reais, a partir de uma análise reflexiva a respeito dos aspectos que envolvem o processo de ensino e aprendizagem. Trata-se, portanto, de uma pesquisa qualitativa de caráter exploratório, elaborada a partir de pesquisa bibliográfica e coleta de dados por meio de questionários com alunos e professores.

2. MODELOS PEDAGÓGICOS

De acordo com o professor Fernando Becker (1994), existem três formas de representar a relação entre ensino e aprendizagem. Estes três modelos são caracterizados pelo autor como pedagogia diretiva, pedagogia não diretiva e pedagogia relacional ou construtivista.

O modelo pedagógico diretivo se relaciona à pedagogia tradicional, aquela em que o professor é o centro do processo pedagógico e o aluno um mero receptor passivo. Esse modelo se baseia na epistemologia do empirismo, a qual valoriza aquilo que está fora do sujeito. Essa linha de entendimento valoriza aquilo que pode ser comprovado empiricamente, através da experiência, logo, os sentimentos, os pensamentos, a inteligência, a consciência e outros estados mentais ou subjetivos não são tomados em sua abordagem teórica.

Também está em consonância ao modelo pedagógico diretivo a corrente psicológica do Behaviorismo que busca intervir no comportamento humano, enfocando em seus estudos o papel e a influência dos estímulos ambientais na determinação das ações dos indivíduos. O pressuposto básico do Behaviorismo é o de que forças externas ao indivíduo são os determinantes principais do comportamento. Sendo assim, a aprendizagem ocorre por meio do condicionamento, em que o professor busca moldar o comportamento do aluno a partir de estímulos, com reforços positivos e negativos, por meio de constante punição e recompensa. Neste modelo, ensinar é planejar um programa de contingências de reforço que permita ao aluno aprender novas condutas. Já o aluno é um sujeito paciente dentro de um processo que ocorre, na maioria das vezes, à revelia da sua vontade.

Ao estudar o modelo pedagógico diretivo, a professora solicitou que as alunas identificassem, em seu dia a dia, situações que controlassem o comportamento das

pessoas, que fotografassem e levassem para a aula. Uma das alunas, estagiária de uma escola municipal, levou para a aula a seguinte fotografia:



IMAGEM 1: EXEMPLO DE UMA FORMA DE CONTROLE DO COMPORTAMENTO.
FONTE: AUTORES

O retrato é de um quadro de uma sala de aula de 1º ano. No quadro há o desenho de um semblante triste e na sequência uma lista de nomes das crianças que não se comportaram e que ficariam, naquele dia, sem recreio. Tal imagem demonstra que a pedagogia diretiva, por mais que seja considerada ultrapassada, ainda se faz presente nas salas de aula como forma de controlar o comportamento dos alunos.

O segundo modelo pedagógico se refere ao não diretivo. Esse modelo, por não ser estruturado, é mais difícil de encontrar na prática escolar. A base epistemológica trata-se do apriorismo, que acredita que o sujeito nasce pronto, ou seja, tudo que o sujeito necessita para ser e desenvolver já está dentro dele. De acordo com Becker, o modelo pedagógico se guia pela premissa de que:

> O aluno já traz um saber ou uma capacidade de conhecer que ele precisa, apenas, trazer à consciência, organizar, ou, ainda, rechear de conteúdo. O professor deve interferir o mínimo possível. Qualquer ação que o aluno decida fazer é, a priori, boa, instrutiva. É o regime do laissez-faire: deixar fazer, que o aluno encontrará por si mesmo o caminho. O professor deve “policiar-se” para interferir o mínimo possível. (1994, p. 17)

Por ser um método não estruturante de processo de aprendizagem, o professor não interfere diretamente no campo cognitivo e afetivo do aluno, mas como um facilitador que acompanha o aluno.

Na corrente psicológica, está em consonância com o apriorismo e o modelo não diretivo, o Humanismo, defendido por Karl Rogers que desenvolveu a técnica da terapia centrada no cliente. Nesta vertente da psicologia, os terapeutas permitem que os clientes liderem a discussão, não tentam dirigi-los em uma direção específica, além de demonstrar total aceitação e apoio sem julgamento, enfatizando a consideração positiva incondicional.

Em relação à proposta de atuação pedagógica, o Humanismo coloca o aluno no centro do processo de aprendizagem, o conhecimento é baseado na experiência significativa e tem na figura do professor o suporte necessário e um facilitador do processo.

Piletti (2013), apresentou, baseado em Karl Rogers, 9 princípios da aprendizagem centrada no aluno:

1. O ser humano contém em si uma potencialidade natural para a aprendizagem: Desde a infância, quer conhecer, explorar o ambiente. Apesar das quedas e machucados, não desiste até conseguir caminhar. Aprende a falar, a brincar, a jogar, a ler, a contar.
2. A maioria das aprendizagens significativas é adquirida pela pessoa em ação, ou seja, pela sua experiência.
3. Para uma aprendizagem adequada torna-se necessário que o aluno aprenda a aprender, quer dizer que, para além da importância dos conteúdos, o mais significativo para Rogers é a capacidade do indivíduo interiorizar o processo constante de aprendizagem.
4. Para uma aprendizagem adequada torna-se necessário que o aluno aprenda a aprender, quer dizer que, para além da importância dos conteúdos, o mais significativo para Rogers é a capacidade do indivíduo interiorizar o processo constante de aprendizagem.
5. Não podemos ensinar, apenas podemos facilitar a aprendizagem: É o estudante que aprende: ele é que deve descobrir (des-velar = tirar o véu).
6. Aprendizagem que implica em mudança de si — na percepção de si mesmo — é ameaçadora: a pessoa costuma oferecer-lhe resistência.
7. As aprendizagens são melhor apreendidas e assimiladas quando a ameaça externa ao “eu” é reduzida ao mínimo: A ameaça costuma afetar negativamente o aluno. Humilhações, críticas, ironias, castigo, têm efeitos corrosivos sobre ele, sobre a autoimagem.
8. A aprendizagem qualitativa acontece quando o aluno participa responsavelmente nesse processo.

9. A aprendizagem que envolve a auto iniciativa por parte do aluno e a pessoa na sua totalidade, ou seja, as dimensões afetivas e intelectuais, tornam-se mais duradouras e sólidas: Aprendizagem começada por iniciativa própria engaja totalmente o estudante.

Piletti (2013) afirma que embora o objetivo de Rogers fosse ser o mais não-diretivo possível, finalmente percebeu que os terapeutas guiam os clientes mesmo de maneiras sutis e que os clientes muitas vezes buscam os seus terapeutas para algum tipo de orientação ou direção. Relacionando ao processo pedagógico, pode-se inferir que não é possível existir uma prática em que o professor não interfira, já que ele é quem conduz o processo, além disso, que há, por parte dos alunos, uma expectativa de que o professor os oriente, visto que é a pessoa mais experiente do grupo.

O terceiro modelo pedagógico se refere ao relacional. Becker (1994) traz esse modelo relacionado à epistemologia genética de Jean Piaget. A professora, na disciplina de Laboratório de Ensino e Aprendizagem, relacionou este modelo pedagógico a todos os teóricos que têm a base epistemológica interacionista, dando espaço para discussão das teorias também de Ausubel, Vygotsky e Wallon. Todos esses autores entendem que o desenvolvimento humano em seus múltiplos aspectos se dá numa interação constante entre o biológico (a herança genética e a maturação) e o social, ou seja, é por meio da relação com o que está dentro e fora do sujeito que o desenvolvimento acontece. Entende-se nesta vertente que o conhecimento não está *a priori* no sujeito (como defendeu o Apriorismo) e nem nos objetos fora do sujeito (como defendeu o Empirismo).

O modelo pedagógico relacional também coloca o aluno como centro do processo, mas, diferente do Humanismo, não exime o professor de sua responsabilidade. Existe uma relação de troca entre professores e alunos e há o entendimento que ambos aprendem. Nas palavras de Becker:

> O professor construirá, a cada dia, a sua docência, dinamizando seu processo de aprender. Os alunos construirão, a cada dia, a sua "discência", ensinando, aos colegas e ao professor, novos saberes, noções, conceitos, objetos culturais, teorias, comportamentos. Farão perguntas, muitas delas banais, mas outras que desafiarão o professor. Mas o que avança mesmo nesse processo é a condição prévia de todo aprender ou de todo conhecimento, isto é, a capacidade construída de, por um lado, apropriar-se criticamente da realidade física ou social e, por outro, de construir sempre mais e novos conhecimentos ou capacidades. (1994, p. 25)

O ensino não acontece pela mera transmissão do conhecimento e, muito menos, o aluno que descobre sozinho por conta de sua curiosidade. O conhecimento é

construído por cada indivíduo nas relações com o professor e seus pares. Assim, cabe ao professor mediar o processo de aprendizagem, problematizando e desafiando os alunos a encontrarem respostas e soluções para situações que sejam, de fato, significativas em suas vidas. A relação professor-aluno é mediada pelos conhecimentos. Cria-se em sala de aula um ambiente de colaboração, já que os alunos não são impelidos a respeitarem regras que buscam disciplinar o comportamento de forma autoritária, pelo contrário, as regras existem, mas são construídas coletivamente e compreendidas por todos, o que promove "um ambiente fecundo de aprendizagem" (BECKER, 1994, p. 25).

2.1 A RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO E OS DESAFIOS DO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM

Infelizmente, em pleno século XXI que muito se fala de metodologias ativas e do protagonismo dos alunos, muitas pessoas ainda entendem o processo de ensino e aprendizagem como algo estático e autoritário em que de um lado o professor fala e, do outro, o aluno apenas escuta. Entendendo que a prática pedagógica deve ser guiada pelo terceiro modelo (relacional), compreende-se que a aprendizagem é um processo contínuo e que acontece em uma via de mão dupla: enquanto o professor ensina, ele aprende e, enquanto o aluno aprende, também ensina.

Piletti (2013) afirma que é necessário haver uma boa relação entre professor e aluno para que a aprendizagem aconteça. De acordo com o autor, o aluno se aproxima do professor à medida que isso for agradável para ele e se aproxima dos colegas com os quais se sente melhor. O contrário também acontece. O professor não é sujeito neutro, desprovido de emoções, por isso também se aproxima dos alunos que se sente bem. Nesse sentido Piletti (2013) aborda o quão importante é a percepção do professor em relação ao aluno. Essa percepção deve ser desprovida de preconceitos, ou seja, para que o processo de ensino e de aprendizagem tenha êxito, o professor deve evitar julgamentos prévios e procurar compreender os alunos e as razões do seu comportamento.

É necessário que se tenha em sala de aula um clima psicológico positivo. De acordo com Piletti (2013), o professor pode ser tanto uma influência positiva quanto negativa em sala de aula, visto que a sua atitude reflete nas atitudes dos alunos. Isso justifica, por exemplo, de alguns alunos se desenvolverem bem em uma matéria e em outra matéria terem muita dificuldade, assim como se interessar e participar de algumas matérias e, em outras, serem indisciplinados e desinteressados.

Piletti (2013) afirma que em sala de aula, o professor exerce o papel de liderança, visto que é o sujeito com mais experiência. O quadro a seguir, elucida os

resultados que cada tipo de liderança exercida pelo professor pode influenciar a prática pedagógica:

LIDERANÇA	**RESULTADOS**
AUTORITÁRIA	O professor decide tudo e não informa os critérios de avaliação. Crianças terão apatia e agressividade. Na ausência do professor, manifestam seus desejos e até a revolta que sentem.
DEMOCRÁTICA	Tudo é objeto de discussão e de decisão, há uma troca. Os alunos sentem-se corresponsáveis pelo processo e são espontâneos, pois estão envolvidos. Se o professor sai, o trabalho continua da mesma forma, pois todos estão engajados e concordam com os combinados.
PERMISSIVA	O professor é passivo, permitindo total liberdade. Transparece não ter posicionamento e não dar direcionamento que os alunos precisam. Na ausência do professor, outros alunos assumem a liderança da classe.

QUADRO 1: SÍNTESE DOS TIPOS DE LIDERANÇA EXERCIDAS PELOS PROFESSORES
FONTE: ELABORADO PELO GRUPO COM BASE EM PILETTI (2013)

A partir das categorias elaboradas por Piletti (2013), pode-se relacionar o perfil do professor com os modelos anteriormente discutidos: a liderança autoritária com o modelo diretivo; a liderança democrática com o modelo relacional; e a liderança permissiva com o modelo não diretivo.

A partir do modelo relacional, entende-se que o professor precisa valorizar o estudante e criar um clima positivo em sala de aula. É necessário partir da premissa que toda pessoa tem potencial de aprendizagem. Logo, se a aprendizagem não está acontecendo como deveria ou se esperava, há algo errado que precisa ser trabalhado é investigado pelo professor e/ou pela escola.

De acordo com Piletti (2013), às dificuldades em relação à aprendizagem podem ser classificadas em três grupos:

a) Escolares: relação professor-aluno, aluno-aluno, métodos de ensino e ambiente escolar (estrutura física, organização dos espaços, gestão, recursos didáticos disponíveis, etc.).
b) Familiares: arranjo familiar, o número de irmãos, condições socioeconômicas.
c) Individuais: problemas com autoestima, maturidade biológica, ritmo pessoal de aprendizagem e características orgânicas (laudos e deficiências físicas).

Como os estudos mostram, o processo de aprendizagem é complexo e envolve muitos fatores. É necessário que o professor esteja atento a cada estudante e às dificuldades que enfrenta, para que juntos possam superar os desafios e construírem juntos o conhecimento.

3. METODOLOGIA

Esta pesquisa, de natureza qualitativa (TOZONI-REIS, 2009) e de caráter exploratório, foi construída paulatinamente no primeiro semestre de 2023, dentro da disciplina Laboratório de Ensino e Aprendizagem, ministrada no curso de Pedagogia, no Centro Universitário Unifacear, campus de Fazenda Rio Grande.

No primeiro bimestre, as alunas do curso aprofundaram-se nas tendências pedagógicas, tendo como referência básica o artigo “Modelos pedagógicos e modelos epistemológicos” de Fernando Becker (1994). Em sala de aula, discutiu-se aprofundou-se as teorias epistemológicas e psicológicas que embasam os modelos pedagógicos diretivo, não diretivo e relacional. Na sequência, foram realizadas pesquisas sobre os teóricos que defendem o modelo pedagógico relacional, a saber: Piaget, Vigotsky, Wallon e Ausubel.

Estudados os modelos pedagógicos e explorados conceitos de ensino e aprendizagem dos teóricos citados, na tentativa de aproximar a teoria da prática, a professora propôs a observação de aulas. Inicialmente, as alunas fizeram a observação na própria faculdade, por cerca de 45 minutos, nos cursos de Enfermagem, Direito e Administração. Ao retornar para a sala, as alunas relataram as experiências, correlacionando aos modelos pedagógicos estudados e coletivamente construíram um instrumento de observação para ser utilizado na observação de turmas do Ensino Médio e/ou Técnico, no Centro Estadual De Educação Profissional Erotides Ângelo Nichele, em Fazenda Rio Grande. Após realizar a observação de aulas, a partir das anotações realizadas no instrumento de observação, as alunas realizaram análises e discussões relacionando com as teorias e teóricos estudados.

No segundo bimestre, o conteúdo proposto foram os fatores correlacionados ao processo de ensino e aprendizagem. Para isso, o livro de Nelson Piletti (Aprendizagem - teoria e prática - 2013), foi usado como base. Foram discutidos em sala de aula os temas: a importância da memória, o papel da motivação, a relação professor-aluno, os desafios e dificuldades enfrentados no processo de ensino e aprendizagem.

Durante o bimestre, a professora auxiliou na elaboração de dois questionários online, destinados a coletar dados com alunos e professores, sobre os temas estudados. O questionário foi respondido por 12 estudantes e 12 professores de níveis variados da educação. Os dados coletados foram analisados e são descritos na sequência, indicando para além da teoria anteriormente explanada, como professores e alunos compreendem o processo de ensino e aprendizagem que vivenciam cotidianamente.

5. RESULTADOS E DISCUSSÕES

5.1 PERSPECTIVAS DOS ESTUDANTES

Foram coletados dados por meio do questionário online com 12 estudantes, sendo 58% dos participantes do ensino superior, 8,3% do ensino médio e 33,4% do ensino fundamental.

O questionário contou com diferentes perguntas, buscando apreender tanto aspectos relacionados ao modo que os estudantes aprendem e o que motiva-os a estudarem, quanto às dificuldades que enfrentam.

Ao serem questionados sobre quais as características que mais gostavam em seus professores, os alunos destacaram que têm preferência por professores que os motivam e que instiga-os a pesquisar, que dominam o conteúdo, possuem base de conhecimento sólida e mantêm um ambiente escolar descontraído.

Com relação ao que os motiva a estudar, mesmo os estudantes sendo de níveis escolares diferentes, as respostas foram semelhantes no sentido de estarem estudando para ter uma profissão e conquistar estabilidade financeira. Os estudantes do ensino superior acrescentaram ainda como motivação adquirir mais conhecimento e se destacar no ambiente de trabalho.

Sobre a forma como aprendem, as respostas foram diversas, indicando diferentes estilos de aprendizagem. As formas citadas pelos participantes foram: escrevendo e anotando, realizando atividades, ouvindo professores e discutindo conteúdo com colegas e professores.

Quanto às dificuldades que os alunos enfrentam, incluem, matérias de exatas, falta de comunicação com os professores, linguagem não objetiva, desmotivação, cansaço físico e dificuldade de concentração.

Sabendo que algumas dificuldades enfrentadas no processo de aprendizagem, de acordo com Piletti (2013), se referem ao espaço escolar, seja pela organização do ambiente, seja pelas relações nele estabelecidas, os participantes foram questionados sobre o que mais e menos gostam em relação à instituição que estudam. Os aspectos

positivos destacados foram: atividades em grupo, amizades, atividades fora da sala de aula e a oportunidade de aprender novos conteúdos. Já os aspectos negativos citados foram as avaliações, ter que copiar matérias e as tarefas de casa.

5.1 PERSPECTIVAS DOS PROFESSORES

O professor como mediador do conhecimento desenvolve um papel de liderança (PILETTI, 2013) e, por isso, é ele quem determina o modelo pedagógico, a partir da base epistemológica em que se sustenta (BECKER, 1994). Considerando tais questões, foram aplicados questionários a 12 professores[1] que atuam em diferentes níveis escolares: Educação Infantil (8), Ensino Fundamental (7), Ensino Médio (1) e Ensino Superior (1), tanto em instituições públicas quanto particulares.

O questionário foi elaborado buscando apreender a perspectiva dos professores do que consideram serem os desafios do sistema educacional, dos professores e dos alunos. Também foram questionados sobre as estratégias de ensino que utilizam.

Em relação aos desafios que o sistema educacional vem enfrentando hoje, os professores indicaram: a falta de apoio da família, o respeito com os professores, o incentivo a leitura, a formação com qualidade aos professores, a infraestrutura e espaço físico das escolas, a remuneração dos professores, alunos com pouco interesse e desmotivados, e alto índice de alunos com dificuldade de aprendizagem.

Quanto aos desafios enfrentados pelos professores, os participantes indicaram tanto questões que se referem à gestão da sala de aula (fatores internos), quanto questões externas que afetam o ensino. Em relação aos fatores internos da escola destaca-se: a falta de auxiliares para autistas; a questão da disciplina em sala de aula; a burocracia na implantação de uma nova metodologia; trabalhar com alunos em defasagem de aprendizagem provenientes de outra rede; alunos desmotivados e desinteressados. Quanto aos fatores externos à escola, foram citados: a participação e comprometimento das famílias; a falta de comprometimento dos familiares; crianças especiais sem diagnóstico médico e sem aceitação dos pais; a educação das crianças; estrutura familiar que muitas vezes responsabiliza a escola pela parte que cabe a ela.

Os desafios enfrentados pelos estudantes, na visão dos professores, também podem ser classificados em grupo. No primeiro, encontram-se os desafios enfrentados em sala de aula pelos estudantes, como a falta de interesse, dificuldades de aprendizagem, falta de profissionais para atender os alunos com laudos de transtornos. No segundo grupo, encontram-se as dificuldades encontradas tanto na família, como as

[1] Alguns professores lecionam em mais de um nível/etapa de ensino.

decorrentes de fatores sociais. Em relação à família, os professores indicaram como desafios: a falta de responsabilidade dos pais, a integração dos pais e filhos, o aspecto afetivo no contexto familiar, o compromisso das famílias com o aprendizado. Já nas questões sociais, foram citadas as questões ligadas à estrutura e vulnerabilidade social, a falta de acesso às necessidades básicas, bem como lazer e à cultura. Também foi citado por um dos professores os excessos de faltas nas aulas, que pode caracterizar uma dificuldade familiar em relação a falta de acompanhamento do responsável; pode estar relacionada a questões sociais que impeçam o estudante de frequentar a escola, como trabalho informal, falta de transporte; ou pode ser uma questão do próprio sujeito como doença, gravidez ou falta de motivação.

Os professores foram questionados sobre as estratégias que utilizam para motivar os alunos a aprenderem. Os professores de educação infantil indicaram que motivam as crianças para aprender com atividades lúdicas e brincadeiras, atraindo o interesse das crianças com música e jogos lúdicos. Os professores do Ensino Fundamental, Médio e Ensino Superior indicaram incentivar seus alunos também a partir da metodologia de ensino, com propostas de seminários, atividades práticas, uso de materiais diferenciados, atividades em grupo, debates e dinâmicas. Um dos professores informou que faz uma investigação com os alunos e muda a metodologia de ensino de acordo com seus interesses.

Na opinião dos professores, os métodos que eles utilizam e sentem que seus alunos aprendem melhor, são métodos que privilegiam situações do cotidiano, com atividades lúdicas, uso de brincadeiras e jogos, portfólios e atividades práticas. Os professores citaram ainda as metodologias ativas, a teoria do construcionismo, a Robótica Educacional, a aprendizagem criativa e a relação das teorias construtivista e tradicional. Um dos professores descreveu: "*Acredito que não existe um método único, pois em uma sala tem uma diversidade de alunos e cada um aprende de sua maneira, então, costumo mesclar os métodos para atender cada criança, trabalhando com as aprendizagens musical, Lógico-Matemática, Interpessoal, Intrapessoal, Corporal-cinestésica, Espacial, Linguística. Na área de alfabetização, costumo utilizar o método das onomatopeias, para a instrução fônica, fazendo a criança perceber as relações entre as letras e os sons facilmente, pois os fonemas que são apresentados por onomatopeias possibilitam dramatizar uma situação, possibilitando que a criança brinque e assim sinto que as crianças aprendem com mais tranquilidade".*

As concepções dos professores sobre os desafios enfrentados correspondem às categorias elencadas por Piletti (2013) e indicam que os professores têm conhecimento

de que as metodologias adotadas em sala de aula são de fundamental importância para atrair o interesse dos alunos e proporcionar a aprendizagem significativa.

6. CONCLUSÃO

O artigo, atendendo ao seu objetivo, relaciona a teoria estudada na disciplina de Laboratório de Ensino e Aprendizagem com dados de alunos e professores que vivenciam cotidianamente a prática pedagógica em papéis diferentes. As análises possibilitaram verificar como os aspectos que envolvem o processo de ensino e aprendizagem se apresentam na prática, a partir da perspectiva de 12 estudantes e de 12 professores de diferentes níveis escolares.

A partir da teoria estudada, foi possível concluir que o modelo pedagógico relacional é o mais vantajoso para a aprendizagem, uma vez que os estudantes possuem protagonismo ao construírem os conhecimentos em parceria com o professor. Também foi possível observar que são vários fatores que concorrem com a aprendizagem, simbolizando desafios aos alunos e professores.

Os dados levantados pelos questionários mostraram que as dificuldades enfrentadas na prática pedagógica, tanto do ponto de vista do professor quanto do aluno, são múltiplas e coincidem com os três grupos classificados por Piletti (2013), relacionados à escola, à família e ao indivíduo. As respostas indicaram ainda que os professores buscam superar as dificuldades dentro do seu campo de atuação, ou seja, por meio de metodologias diferenciadas. Tais metodologias se referem às propostas que colocam o aluno em atividade (como dinâmicas em grupo, debates, jogos e brincadeiras) e que correspondem ao modelo pedagógico relacional.

4. REFERÊNCIAS

BECKER, Fernando. **Modelos pedagógicos e modelos epistemológicos**. Educação & realidade. Porto Alegre. Vol. 19, n. 1, jan./jun. 1994, p. 89-96. Disponível em: https://lume.ufrgs.br/handle/10183/231918 . Acesso em 14 junho de 2023.

PILETTI, Nelson. **Aprendizagem** - teoria e prática. São Paulo: Editora Contexto. 2013.

TOZONI-REIS, M. F. C. **Metodologia da Pesquisa**.2. ed. Curitiba: IESDE, 2009.